

Presidente de associação lidera resistência

Marlene afirma que é ameaçada de morte e que sua casa vive vigiada pela polícia

• BRASÍLIA. Citada em mais de 20 inquéritos policiais e hoje uma enorme pedra no sapato do governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, a presidente da Associação de Moradores da Favela da Estrutural, Marlene Mendes, passou a manhã de ontem comandando a resistência aos tratores do Governo. De dentro de um carro, Marlene orientava os manifestantes para que só atirassem pedras nos policiais militares se fossem agredidos primeiro. Em vão.

Os moradores da Estrutural fizeram uma barricada, de onde atiravam não só pedras, mas bo-

las de gude e coquetéis Molotov nos policiais. Marlene gritou até o fim, quando sua loja clandestina de material de construção veio abaixo, derrubada por funcionários do Governo.

Marlene tem o apoio de deputado oposicionista

No comando da associação há três anos, Marlene começou a ganhar projeção depois que se aliou ao deputado Luiz Estêvão (PMDB), que faz da oposição a Cristóvam Buarque uma profissão de fé.

Ela não luta apenas para manter a Polícia Militar longe da Es-

trutural. A imprensa também tem sido um alvo preferencial da líder da favela. Num conflito no mês passado, a presidente da associação e mais um bando de manifestantes apedrejaram jornalistas e carros de reportagem que ficaram na Estrutural após a saída da Polícia Militar.

A presidente da associação de moradores da favela costuma denunciar que é ameaçada sistematicamente de morte e que sua casa é vigiada diariamente por policiais à paisana, mas a informação é negada pela Secretaria de Segurança. Marlene alega que decidiu fechar a sua madeireira

clandestina há um mês, quando foi avisada de que o Governo derrubaria todo o comércio ilegal da área.

Marlene alega que alugou imóvel à Assembléia de Deus

Evangélica, Marlene afirma que não disfarçou a madeireira de Assembléia de Deus, mas apenas alugou para a igreja o imóvel, onde os fiscais da Secretaria de Fazenda acharam um depósito de material de construção. Segundo Marlene, o material era apenas um resíduo que não foi possível carregar antes da chegada da Polícia Militar. ■